



## Antecedentes históricos e filosóficos da Gestalt-terapia

### *Historical and philosophical background of Gestalt therapy*

Mariana Borba de LACERDA<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como finalidade trazer as origens da Gestalt-terapia, seus antecedentes históricos e filosóficos. O artigo começa citando toda a trajetória da Psicologia Clínica, começando com Wundt, até chegar à abordagem gestáltica. A Gestalt-terapia teve como seu principal fundador Frederick Perls, que se embasou em diversas teorias e personalidades que conheceu para criar a teoria. Entre as filosofias e teorias que inspiraram Perls estão a Fenomenologia, o Humanismo, o Existencialismo, a Psicologia da Gestalt e a Psicanálise.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapia. Antecedentes históricos. Antecedentes filosóficos.

**Resumen:** This article aims to approach the origins of the Gestalt therapy and its historical and philosophical background. The article begins narrating the entire trajectory of clinical psychology, starting with Wundt up to the Gestalt foundation. The Gestalt therapy was founded by Fritz Perls who had been based his studies on the many existing theories and on determinant people he had contacted. Among the philosophies and theories that inspired Perls we can mention the Phenomenology, Humanism, Existentialism, Gestalt Psychology and psychoanalysis.

**Keywords:** Gestalt Therapy. Historical background. Philosophical background.

### Introdução

Se considerarmos a etimologia da palavra “clínica”, podemos ver claramente a influência que a medicina teve no campo de atuação do psicólogo. “Clínica” significa “à beira do leito”, remete-se ao ato de “inclinarse” sobre o doente. Assim, a atuação do psicólogo surge da premissa de ter como foco a atenção, a compreensão e o tratamento da doença (DUTRA, 2004).

A primeira concepção mais abrangente e precisa do termo “clínica” é de Lagache e desenvolvida por Favez-Boutonnier. Essa definição se distancia da conduta médica e coloca a ênfase na singularidade do sujeito. É mais do que um conjunto de técnicas e métodos, é um posicionamento global em relação ao outro e ao saber (LÉVY, 2001).

A ajuda, o inclinarse, pode ocorrer de maneiras muito diferentes. A Psicanálise de Freud renovou o modo de aproximação do paciente e a prática clínica: a ajuda psicanalítica, muito diferente da médica, coloca o sujeito na posição da palavra. A Gestalt e a Psicologia social, assim como outras correntes, contribuíram para aprofundar a ideia de intervenção clínica, insistindo no papel da compreensão subjetiva. A Gestalt mostrou a importância da intuição, da simpatia, da empatia e da experiência para se chegar à

---

<sup>1</sup>Psicóloga, graduada pela Universidade Federal de Pernambuco | UFPE | CRP 02/19034 | E-mail: mariana.b.lacerda@gmail.com

consciência. Assim, a clínica foi evoluindo e nela se fundamentaram outras disciplinas, como a Sociologia, a Antropologia e a Psicossociologia (LÉVY, 2001).

É possível perceber que há várias maneiras de se inclinar sobre um sofrimento, sendo que o posicionamento clínico se define como uma tentativa de compreender aquilo que faz a singularidade de uma situação, de um problema ou de um mal-estar vivido por um grupo ou pessoa. A Psicologia Clínica se ocupa da crise de sentido na perspectiva de gerar mudanças, sendo que o ato clínico pode se definir como a intervenção em uma situação marcada por uma crise de sentido (LÉVY, 2001).

A abordagem clínica envolve dois aspectos complementares: o ato ou intervenção em resposta a um pedido de ajuda e a prática de pesquisa. Essa abordagem supõe um deslocamento físico e mental no espaço do outro. É a abordagem de um sujeito ou um conjunto de sujeitos (grupo ou organizações) que enfrentam um sofrimento ou uma crise. A abordagem clínica se recusa a ceder à facilidade de separar o sujeito em partes, em funções ou em faculdades, e busca compreendê-lo como uma totalidade significativa (LÉVY, 2001).

A abordagem clínica só é possível porque o clínico é objeto de uma “demanda” de pessoas ou grupos, lidando com processos conscientes ou não. O que diferencia a resposta à demanda na clínica psicológica e nas outras clínicas é o fato de que os outros profissionais dão uma solução pronta/econômica, enquanto que a psicologia faz o sujeito refletir, buscar seus próprios caminhos. No plano econômico, a “demanda” (próximo de “encomenda”) implica um bem (objeto ou serviço), desejado por alguém, e que outros aceitam satisfazê-la. Na Psicologia, demanda é a expressão de uma falta. Não visa a nenhum objeto material, a não ser por um desvio, na medida em que essa é a única maneira de se expressar. A interpretação e a análise da demanda devem ser algo contínuo e deve englobar a análise da relação entre o demandante e o destinatário (LÉVY, 2001).

Como mencionado acima, dentro da própria Psicologia há inúmeras maneiras de “inclinarse” sobre o sofrimento humano, sendo a Gestalt-terapia uma possibilidade. Gestalt é uma palavra alemã que não contém um equivalente em outras línguas e, por isso, é adotada em sua língua original. Para explicar o significado dessa expressão, Ginger e Ginger (1995) trazem outras duas palavras bem parecidas do alemão: Gestalten e Gestaltung, também do alemão. A primeira significa “dar forma, dar uma estrutura significativa”; já a segunda “indica uma ação prevista, em curso ou acabada, que implica um processo de dar forma, uma ‘formação’” (GINGER e GINGER, 1995, p. 13). A Gestalt-terapia parte de uma perspectiva holística, global, do ser humano, e busca desenvolver o bem-estar, que encontra-se ligado à ideia de formação e plenitude do potencial humano.

O presente artigo trará, a seguir, uma breve fundamentação acerca das origens da Gestalt-terapia, seus antecedentes teóricos e filosóficos, assim como uma breve biografia do seu fundador, Fritz Perls.

## Antecedentes históricos da Gestalt-terapia

Wilhelm Wundt usou pela primeira vez o termo “Psicologia”, sendo considerado o fundador dessa nova ciência. Publicou, em 1873, o livro *Princípios de Psicologia Fisiológica*, no geral, estabeleceu firmemente a Psicologia como ciência de laboratório, com suas próprias perguntas e métodos de experimentação (SCHULTZ & SCHULTZ, 1994). Assim, a Psicologia se estabelece como uma disciplina independente e elege como objeto de estudo a experiência consciente (GOMES, HOLANDA & GAUER, 2004).

Segundo Wundt, os psicólogos deveriam ocupar-se do estudo da experiência imediata (a experiência tal como o sujeito a vive antes de pensar sobre ela ou fazer interpretações). Para isso, ele sugeriu que o método da Psicologia deveria consistir na observação dessa experiência, mas como apenas o próprio sujeito pode ter acesso a suas experiências, esse método deve envolver a introspecção (SCHULTZ & SCHULTZ, 1994).

A Psicologia proposta por Wundt e seu discípulo Titchener não foi bem sucedida e desapareceu no início do século XX, dando lugar ao Funcionalismo (GOMES, HOLANDA & GAUER, 2004). Para os funcionalistas, a Psicologia seria uma ciência biológica que deveria estudar os processos e operações psíquicas, partindo dos princípios da Biologia Evolutiva (FIGUEIREDO & DE SANTI, 2011).

Ainda no século XX, duas novas correntes, a Psicanálise e o Behaviorismo, começam a se difundir e deslocam o interesse da Psicologia para duas direções distintas: a abordagem da consciência através dos mecanismos do inconsciente, de um lado, e o estudo do comportamento diretamente observável no lugar da consciência, do outro (GOMES, HOLANDA & GAUER, 2004).

Na década de 1930 emergem duas novas tendências no cenário internacional: a Psicologia da Gestalt retoma a exploração da experiência consciente, enquanto que os estudos da personalidade recolocam a experiência consciente como centro da Psicologia (GOMES, HOLANDA & GAUER, 2004).

O movimento da Gestalt surgiu na Alemanha, em oposição ao atomismo e ao elementarismo contidos no projeto de Wundt. Os gestaltistas acusavam os wundtianos de afirmarem que a percepção dos objetos consiste apenas na acumulação ou soma de elementos isolados. O movimento da Gestalt propunha que quando os elementos sensoriais são combinados, forma-se algum novo padrão ou configuração, sendo que a nossa percepção vai além dos elementos, dos dados sensoriais (SCHULTZ & SCHULTZ, 1994).

### Fritz Perls e a Gestalt-terapia

Fritz Perls é considerado o principal fundador da Gestalt-terapia. Ele se baseou nas suas intuições e crises, tirou inspiração de diversas teorias e filosofias que conheceu nas suas inúmeras viagens pelo mundo (GINGER & GINGER, 1995). Assim, Gestalt-terapia sofreu influência de diversas correntes e teorias, como o Humanismo, a Fenomenologia, a Psicologia da Gestalt e a Psicanálise.

Perls, assim como outros terapeutas dos primórdios da Gestalt-terapia, teve sua formação em Psicanálise. Perls passou por seis anos de análise e de formação didática, além de atuar como psicanalista durante vinte e três anos (GINGER & GINGER, 1995).

Segundo Yontef (1998, p. 118), “a Gestalt-terapia começou como uma reação contra a rigidez da psicanálise clássica por parte de terapeutas treinados em psicanálise clássica”. Assim, os primeiros Gestalt-terapeutas se posicionaram contra a exigência da Psicanálise de que o terapeuta limitasse as revelações pessoais, tendo que seguir regras rígidas de neutralidade e abstinência.

Yontef (1998) ressalta que nem toda a Gestalt-terapia é “perlsiana”. Apesar de o trabalho de Fritz Perls ter atingido maior popularidade, há outros fundadores da abordagem, como Laura Perls, Isadore From, Paul Weisz, Paul Goodman, entre outros. Segundo Juliano (2004), há quem atribua as origens da Gestalt-terapia a Perls, mas há muitos terapeutas que atribuem a origem ao “grupo dos sete”, constituído por Fritz Perls, sua esposa Laura, Paul Goodman, Isadore From, Paul Weisz, Elliot Shapiro e Sylvester Eastman, todos teóricos que marcaram os primórdios da abordagem.

Perls desenvolveu as ideias que resultaram na Gestalt-terapia sob a influência de diversas fontes e teóricos: inspirou-se na Psicanálise, no Psicodrama, na Bioenergética, na Abordagem Centrada na Pessoa, no Judaísmo, no Taoísmo, no Zen e em várias outras abordagens dentro e fora da Psicologia. Em suas viagens pelo mundo, ele encontrou diversos autores, experimentou diferentes métodos e técnicas, envolveu-se com diferentes ideologias e formas de pensar, e teve contato com diferentes culturas, o que permitiu que ele desenvolvesse seu “estilo” como terapeuta (GINGER e GINGER, 1995).

Fritz Perls nasceu na Alemanha, em julho de 1893. Seu pai era um negociante de vinhos que viajava com frequência e era militante da franco-maçonaria. Sua mãe era judia praticante e apaixonada, assim como Perls, pela ópera e pelo teatro. A família era composta por mais duas filhas e era repleta de brigas violentas (GINGER e GINGER, 1995).

Perls foi uma criança bagunceira e chegou a ser expulso de uma das escolas em que estudou. Durante a adolescência, interessou-se por teatro. Estudou medicina na Universidade de Berlim, sendo voluntário da Cruz Vermelha na Bélgica, durante a Primeira Guerra, o que trouxe vários traumas para a sua vida. Depois da Guerra, obteve o doutorado em neuropsiquiatria. Fez análises com diferentes terapeutas e por muitos anos. Casou-se com Laura, em 1929, tendo dois filhos com ela.

Perls morou na Alemanha, na Áustria, em Amsterdã, na África do Sul, no Canadá e em diferentes partes dos Estados Unidos. Além disso, visitou o Japão e Israel, assim como tantos outros estados da América do Norte. Em suas voltas pelo mundo, ele teve as mais diferentes experiências: formou-se em medicina em meio aos tumultos da Primeira Guerra Mundial; foi um refugiado da Alemanha nazista; trabalhou como médico na Marinha; clinicou como psiquiatra na África do sul; trabalhou alguns anos como psicanalista nos Estados Unidos; permaneceu, por um tempo, em uma comunidade em Israel e em um mosteiro zen no Japão; residiu, por um tempo, na comunidade de Esalen, na

Califórnia, deu diversos seminários e formações durante todo seu percurso, e conheceu diferentes teóricos, incluindo Freud.

## Bases filosóficas

### Humanismo

É durante o Renascimento que surge o pensamento Humanista. Segundo Lima (2008, p. 35): “o movimento Humanista veio resgatar valores humanos esquecidos e re-construir um novo foco ao homem enquanto ser concreto, singular, repleto de valores e potencialidades”. Segundo a mesma autora, o homem passa a ser capaz de olhar e refletir sobre sua existência.

Segundo Gomes, Holanda e Gauer (2004), o Humanismo não é uma teoria, nem um método e nem uma filosofia, ele é um movimento que esteve presente em várias fases da história e que influenciou diversos setores da sociedade, incluindo a ciência, a Filosofia, as artes e a Literatura. De maneira geral, o Humanismo surge para desconstruir uma visão teocêntrica do mundo, dominante na Idade Média, possibilitando uma nova visão, antropocêntrica, na qual o homem é a medida de todas as coisas e em torno do qual tudo acontece.

A Gestalt-terapia e o Humanismo compartilham a visão holística, concebendo o homem como o centro de tudo, valorizando suas potencialidades e percebendo os aspectos positivos deste (MIRANDA, 2003).

O Humanismo apresenta uma visão otimista do homem, acreditando que, se houver condições favoráveis, ele tende a fazer as melhores escolhas possíveis, tendo o potencial para o crescimento e a atualização (LIMA, 2008). “A Gestalt-terapia se coloca do lado das psicoterapias humanísticas, o que significa que contém e promove a ideia do homem como centro, como valor positivo, como capaz de se autogerir e regular-se” (RIBEIRO, 1985, p. 29).

Lima (2008) comenta que o Humanismo trouxe contribuições para a atitude da Psicologia em relação ao homem, sendo que o movimento “influenciou para um despertar de valores que levaram a uma maior e mais completa compreensão do homem, no qual se consideram suas potencialidades, responsabilidade, liberdade de escolha e a tendência para o crescimento e atualização” (p. 35). Segundo a autora, a valorização do homem também contribuiu para a valorização da relação terapêutica, trazendo valores que promovem o verdadeiro encontro entre o terapeuta e o cliente.

### Fenomenologia

A Fenomenologia surge como um método para estudar os fenômenos e se contrapõe ao Positivismo e à Psicologia Experimental. “A fenomenologia surgia como um método descritivo e reflexivo para estudo da experiência consciente. Tecnicamente, o método enunciava um modo de apresentar a experiência consciente como uma evidência para a investigação” (GOMES, HOLANDA e GAUER, 2004). A palavra “fenômeno” remete àquilo

que aparece, que se mostra por si mesmo. Assim, a Fenomenologia é uma forma de olhar algo buscando ver aquilo que se mostra por si mesmo, suspendendo todos os a priori, tudo o que já foi pré-concebido a seu respeito (MIRANDA, 2003).

O movimento da Fenomenologia foi fundado por Husserl, no final do século XIX, na Alemanha. Apesar do termo “Fenomenologia” já ter sido usado por outros autores no século XVIII, foi apenas com Husserl que a Fenomenologia surgiu como um movimento de pensamento (LIMA, 2008). Para o autor, a Fenomenologia seria a descrição do fenômeno da forma como ele se apresenta em nossa consciência, suspendendo todos os preconceitos, valores, teorias e crenças. “A Fenomenologia nos convida a suspender nossos próprios valores e ir ao encontro do fenômeno – da verdade” (LIMA, 2008, p. 30).

Segundo Lima (2008, p. 29), “Husserl defendia que o estudo experimental revelaria a essência de maneira velada, cabendo à psicologia desvendá-la e compreendê-la, o que só seria possível havendo uma superação dos preconceitos naturalistas que embasam o experimentalismo”.

Em 1913, Husserl propõe a completa redução dos próprios valores e julgamentos. Assim, a Fenomenologia tem como método a *Epoké*, ou seja, a total suspensão de tudo que existe de interesse naturalmente orientado, colocando entre parênteses tudo que é a priori, como preconceitos, teorias, etc., para que se possa atingir o sentido, o significado do fenômeno que se desvela por si mesmo. O método fenomenológico significa tentar um contato, o mais autêntico, e sem deixar que os julgamentos se interponham na percepção do fenômeno, buscando compreendê-lo do modo que surge (MIRANDA, 2003).

A ideia de total suspensão dos valores e conceitos prévios foi vista como idealista por alguns autores como Merleau-Ponty. Este propõe a Fenomenologia Existencialista, com base na ideia de que ninguém pode estar livre de seus valores e crenças, pois nossa consciência é constituída a partir das interferências do mundo (LIMA, 2008).

A Fenomenologia teve um impacto importante nas Ciências Sociais, na Educação, e nas ciências de um modo geral. Ela se preocupa com o sentido das coisas, buscando compreender a manifestação do significado por trás dos fenômenos, e não tendo como objetivo explicá-los por teorias de causa e efeito. Assim, ela tem como foco principal a compreensão, e não a explicação, constituindo uma disciplina que ajuda as pessoas a saírem de sua forma habitual de pensar, para verificar, através da experimentação, o que está sendo realmente percebido e o que é mais adequado e verdadeiro para determinada situação (GOMES, HOLANDA e GAUER, 2004; YONTEF, 1998).

A Gestalt reteve alguns pontos da Fenomenologia, como apontado por Ginger e Ginger (1995): a importância maior que é dada ao descrever em relação ao explicar; a relevância do aqui e agora; a ideia de que nossa percepção de mundo é mediada por fatores subjetivos, sendo diferente para cada indivíduo; e a importância da tomada de consciência do corpo e do tempo vivido como experiência única de cada um.

Na Gestalt-terapia, a Fenomenologia é usada como método: a realidade é observada com atenção e descrita como se apresenta. Além disso, busca-se compreender ao invés

de entender. Compreender significa apreender o fenômeno a partir das inter-relações das partes que configuram o todo significativo, implica o contato profundo e global do indivíduo; já entender significa buscar causas e “porquês”. A Gestalt-terapia prioriza o “como” e o “o que”, buscando compreender a forma como os fenômenos se relacionam, e não explicar ou buscar causas (GALLI, 2009; MIRANDA, 2003).

## Existencialismo

O Existencialismo surgiu como uma corrente filosófica que valoriza o homem como possuidor de sua própria subjetividade, liberdade e responsabilidade. Alguns autores de destaque nessa corrente são Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger, Buber e Sartre. (LIMA, 2008).

Kierkegaard defende que “nada é uma verdade em si mesma, mas depende de como cada pessoa percebe e se relaciona com o objeto ou o fato” (LIMA, 2008, p. 31). Assim, a verdade depende de cada indivíduo, sendo que este é o único que pode saber o que é verdade para si: “Um pressuposto importante no existencialismo é o de que o ser humano só pode, de fato, ser compreendido por ele mesmo através de uma experiência direta do seu ser no mundo, e, embora a pessoa possa, momentaneamente, ter perdido essa aptidão, continua sendo a mais fiel intérprete de si mesma” (RIBEIRO, 1985, p. 34).

Nietzsche defende que cada homem constrói sua própria história através de suas escolhas, sendo responsável por elas (LIMA, 2008). Sartre também fala da responsabilidade, defendendo que o homem inventa a si mesmo e constrói sua história pelas escolhas que faz. “Sartre fala da liberdade, da responsabilidade, da capacidade de escolha e da angústia que isso pode nos causar, e de que somos condenados a sermos livres – somos responsáveis pelos nossos próprios atos: o homem é responsável por si mesmo [...], o homem se escolhe a si mesmo” (LIMA, 2008, p. 34).

Buber fala das duas atitudes que o homem pode ter diante do mundo: o princípio do EU-TU e do EU-ISSO. O primeiro se refere a uma completa integração, uma vivência intensa do homem no mundo. Já o segundo se refere ao distanciamento que o homem faz para poder refletir e pensar sobre o mundo (LIMA, 2008).

Sobre a visão que o Existencialismo tem do homem, Lima (2008) afirma que,

Para os existencialistas, o homem é um ser livre, a sua liberdade faz dele plenamente responsável pela sua escolha e a sua escolha, sendo verdadeira, é também uma escolha que o homem faz para todos os homens. Dessa forma, o ato individual acaba engajando toda a humanidade. Isto é, se ele acredita que aquilo que ele escolhe, por base em seus valores próprios, é o certo, então, ele também está escolhendo para todos os homens (p. 34).

Ginger e Ginger (1995) destacam alguns pontos que a Gestalt reteve do existencialismo: o maior destaque é a vivência concreta em relação aos princípios abstratos; a

singularidade de cada existência humana e a noção de que cada pessoa é responsável pela construção de seu projeto existencial.

Tanto a Gestalt-terapia quanto o existencialismo veem o homem como um ser particular e concreto, com vontade e liberdade próprias e responsável por suas escolhas. Dessa forma, a função da terapia se apoia nos pressupostos existencialistas de liberdade, responsabilidade e projeto, buscando levar o indivíduo a tomar consciência do seu projeto e de como o realiza a partir de sua singularidade e relação com o mundo (MIRANDA, 2003; RIBEIRO, 1985).

### **Martin Buber e a relação Eu-Tu-Isso**

Dentre os diversos teóricos da Fenomenologia Existencial, vale a pena destacar as ideias de Martin Buber e sua influência na Gestalt-terapia. Buber buscou compreender a ação humana no mundo e a transformação a partir do encontro com o outro. Ele buscou compreender o homem dentro do mundo e suas múltiplas possibilidades de existir, dependendo da forma como se coloca. Na filosofia dialógica de Buber, o homem pode relacionar-se de duas formas com os outros seres: tomando-os por objetos ou colocando-se na presença deles. Essas duas atitudes estão relacionadas com os princípios do EU-ISSO e EU-TU que assinalam modos de ser do homem e formas de responder à realidade (LUCZINSKI & ANCONA-LOPEZ, 2010).

Segundo Luczinski e Ancona-Lopez (2010), a atitude Eu-Isso leva a uma experiência mais objetiva das situações, e isso permite um ordenamento da realidade, tornando-a habitável e reconhecível. No princípio Eu-Isso é onde o objeto se contrapõe à presença. Para Buber, o objeto seria estagnação, parada, interrupção, ausência de presença. O Isso é o objeto do conhecimento, que pode ser experimentado, descrito e lembrado, ou seja, utilizado de acordo com a necessidade do Eu (OLIVEIRA, 2005). Segundo Luczinski e Ancona-Lopez (2010, p. 78), a relação do tipo Eu-Isso “situa a pessoa no mundo dos objetos, ordenando e sendo extremamente necessária para a elaboração e a produção de significados, desde que não se torne a forma predominante de relação com o mundo”. As relações do tipo Eu-Isso são necessárias à vida humana, o problema ocorre se esse tipo de relação se torna predominante (HYCNER, 1995).

Segundo Luczinski e Ancona-Lopez (2010, p.78), “na atitude Eu-Tu, a pessoa entra em relação, deixa-se impactar, deixa-se atravessar pela presença viva do outro, seja este outro uma pessoa, uma situação, uma obra ou um ente qualquer”.

O princípio do Eu-Tu está ligado ao modo de se aproximar do mundo diferente da experiência, o mundo se torna o mundo das relações. Para Buber, este mundo se realiza em três esferas: a vida com a natureza, a vida com os homens e a vida com os seres espirituais (CARRARA, 2002). Na primeira esfera, as relações estão além da linguagem, podemos dizer Tu para qualquer ser. “Nesta esfera a relação realiza-se numa penumbra como que aquém da linguagem. As criaturas movem-se diante de nós sem possibilidade



de vir até nós e o TU que lhes endereçamos depara-se com o limiar da palavra” (BUBER, 2001, p. 6-7, *apud* OLIVEIRA, 2005). Na segunda esfera, passamos a poder nos dirigir a alguém e recebermos o Tu, estabelecendo, assim, uma reciprocidade, “A segunda é a vida com os homens. Nesta esfera a relação é manifesta e explícita: podemos endereçar e receber o TU”. (BUBER, 2001, p. 7, *apud* OLIVEIRA, 2005). Já na terceira, o homem se relaciona com todos os frutos da criatividade humana, vida com os seres espirituais e, por mais que seja silenciosa, ele acaba desenvolvendo uma linguagem.

Na relação Eu-Tu valorizamos a alteridade de cada pessoa. “Alteridade significa o reconhecimento da singularidade e nítida separação do outro em relação a nós, sem que fique esquecida nossa relação e nossa humanidade comum subjacente” (HYCNER, 1995, p. 24). É importante salientar que todas as relações humanas são marcadas por ambos os modos de se relacionar, no entanto, o diálogo genuíno só ocorre se as pessoas envolvidas estiverem dispostas a ir além da relação Eu-Iso e valorizarem a alteridade da outra pessoa (HYCNER, 1995).

Essas duas polaridades (o Eu-Tu e o Eu-Iso) estão presentes na dimensão do “Entre”. Segundo Hycner (1995, p. 25), “por ‘entre’, Buber refere-se à esfera da qual todos participamos quando estamos envolvidos e verdadeiramente interessados em outra pessoa: transcendemos o senso de identidade que normalmente conhecemos”. A realidade dessa dimensão é, dessa forma, maior do que cada indivíduo considerado separadamente. Também vai além da mera soma das individualidades, ela engloba tanto o aspecto individual, quanto a relação estabelecida.

## Psicologia da Gestalt

A Psicologia da Gestalt foi uma escola acadêmica que se dedicou ao estudo da percepção, tendo se constituído como uma investigação puramente acadêmica, sem objetivos diretos quanto à prática clínica. Segundo essa teoria, o nosso campo perceptivo se encontra organizado em conjuntos de estruturas e significantes. Algumas das ideias desta escola estão nos fundamentos da Gestalt-terapia (GINGER & GINGER, 1995).

A Psicologia da Gestalt surgiu formalmente de uma pesquisa feita por Max Wertheimer, em 1910, sobre percepção do movimento aparente. Essa escola defende que o organismo percebe padrões inteiros que possuem características que vão além da soma das partes, sendo que cada situação tem uma organização inerente. Assim, a percepção seria um processo ativo que vai além da estimulação passiva dos órgãos do sentido (SCHULTZ & SCHULTZ, 1994; YONTEF, 1998).

A Gestalt-terapia, segundo Miranda (2003), tem como principal teoria de base a Psicologia da Gestalt e suas ramificações: a Teoria Organísmica, de Kurt Goldstein, e a Teoria do Campo, de Kurt Lewin. Ribeiro (1985) resume os principais pontos da Teoria Organísmica em relação ao indivíduo: para essa teoria, a pessoa é um ser uno, integrado e consistente, sendo a organização algo natural do organismo, e a desorganização, uma patologia. Assim, o organismo é um sistema organizado, cujo o todo difere de suas partes, qualquer elemento deve ser compreendido como parte integrante desse todo. Sobre

isso, Miranda (2003) ressalta que, segundo a Teoria Organísmica, o organismo é composto por partes interdependentes que formam um todo organizado, sendo que algo que ocorre em uma parte desse todo afeta o organismo por inteiro.

Outro ponto diz respeito à ideia de que o homem possui dentro de si potencialidades que regulam seu crescimento, embora essas possam receber influências do meio exterior que podem forçá-lo a se adaptar de forma contrária à sua natureza. Ainda sobre as potencialidades, a Teoria Organísmica destaca o impulso de autorregulação que rege o homem: ele está permanentemente buscando atualizar suas potencialidades (RIBEIRO, 1985).

A Teoria do Campo, de Kurt Lewin, traz uma concepção abrangente do indivíduo, pois busca estudá-lo considerando o contexto maior, o campo em que ele está inserido e com o qual ele se relaciona. Assim, segundo essa teoria, o homem não pode ser compreendido por si só, separado do meio no qual está inserido, nada pode ser compreendido fora do contexto total do qual faz parte. Assim, como a Teoria Organísmica e a Teoria do campo, a Gestalt-terapia vê o indivíduo como um todo e defende que o seu comportamento só pode ser compreendido dentro de um determinado campo com o qual ele se encontra em relação (MIRANDA, 2003; RIBEIRO, 1985).

Dois conceitos fundamentais da Psicologia da Gestalt são o de todo e o de parte. Segundo Ribeiro (1985, p. 70), “a própria palavra Gestalt é melhor traduzida como todo, inteiro, configuração. Estamos, portanto, imersos em todos, em Gestalts, das quais, em níveis diferentes, tomamos maior ou menor consciência”. Na Gestalt-terapia, o indivíduo e a própria relação terapêutica devem ser vistos como um todo maior do que a soma de suas partes.

Uma diferenciação simplificada entre a Psicologia da Gestalt e a Gestalt-terapia refere-se ao contexto em que cada uma é aplicada e às exigências que surgem com eles. Enquanto a primeira se dedica à pesquisa acadêmica, a segunda trabalha no contexto clínico. Quanto às exigências, podemos citar como exemplo o fato de que, na pesquisa, o psicólogo pode determinar o que será observado, enquanto que na clínica o terapeuta trabalha com aquilo que emerge fenomenologicamente (YONTEF, 1998). É importante destacar, no entanto, que essas diferenças citadas pouco dizem acerca da complexidade dessas teorias.

### **Considerações finais**

Como foi dito, dentro da Psicologia há inúmeras maneiras de “inclinarse” sobre o sofrimento humano, uma delas é a Gestalt-terapia. Essa abordagem parte de uma perspectiva holística e global do ser humano e busca desenvolver o bem-estar, ligado à ideia de formação e plenitude do potencial humano.

A Gestalt-terapia sofreu influência de diversas correntes e teorias, como o Humanismo, a Fenomenologia, a Psicologia da Gestalt e a Psicanálise. Fritz Perls usou como base todas as suas experiências de vida, as teorias que estudou e o que aprendeu com diversos teóricos.

Assim, do Humanismo, a Gestalt traz uma visão holística do ser humano e a valorização de suas potencialidades; da Fenomenologia retém o método descritivo e o foco

no aqui e agora; do Existencialismo traz a ideia de responsabilidade e singularidade; da Psicologia da Gestalt ela retém a ideia de campo e de que o todo é maior do que a soma das partes; e, finalmente, com a Psicanálise, ela possui uma relação de amor e ódio, já que Perls e muitos dos seus colaboradores iniciaram suas carreiras como psicanalistas, mas se opunham a certos pressupostos desta corrente.

Todas essas influências e as experiências de vida de Perls resultam em uma visão de homem como um ser global, relacional, contextual e singular. Assim, para a Gestalt, o homem deve ser visto em sua totalidade e singularidade, sem desconsiderar o contexto em que ele se encontra e as relações que estabelece.

## Referências

- CARRARA, O. V. A relação em Martin Buber. **Mimesis**, Bauru, v. 23, n. 1, p. 81-98, 2002.
- DUTRA, E. Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia**, Natal, RN, v. 9, n. 2, p.381-387, 2004.
- FUGUEIREDO, L. C. M.; DE SANTI, P. L. R. **Psicologia**: uma (nova) introdução. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2011.
- GALLI, L. M. P. Um olhar fenomenológico sobre a questão da saúde e da doença: a cura do ponto de vista da Gestalt-terapia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p. 1-3, abr. 2009.
- GINGER, S.; GINGER, A. **Gestalt**: uma terapia do contato. São Paulo: Summus, 1995.
- GOMES, W. B.; HOLANDA, A. F.; GAUER, G. Psicologia humanista no Brasil. In: MASSINI, M. **História da psicologia no Brasil do século XX**. São Paulo: EPU, 2004.
- HYCNER, R. **De pessoa a pessoa**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1995.
- JULIANO, J. C. **Gestalt-terapia**: revisitando as nossas histórias. IGT na Rede. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2004. Disponível em: < <https://www.igt.psc.br/revistas/seer/ojs/viewarticle.php?id=33>>. Acesso em: jun. 2015.
- LÉVY, A. **Ciências clínicas e organizações sociais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LIMA, B. F. Alguns apontamentos sobre a origem das psicoterapias fenomenológico-existenciais. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 14, n. 1, p.28-38, jan./jun. 2008.
- LUCZINSKI, G. F.; ANCONA-LOPEZ, M. A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.27, n.1, p.75-82, jan./mar. 2010.
- MIRANDA, W. B. **Saúde e doença em gestalt terapia**. Brasília, 2003. Trabalho de conclusão de curso (Psicologia) - Faculdade de Ciências da Saúde do Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2003.
- OLIVEIRA, T. **Intersubjetividade em Martin Buber**. Trabalho de conclusão de curso (Filosofia) - Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005. Disponível em: < <http://www.consciencia.org/a-intersubjetividade-em-martin-buber>>. Acesso em: ago. 2015.
- RIBEIRO, J. P. **Vade-mécum de gestalt-terapia**: conceitos básicos. São Paulo: Summus, 2006.
- RODRIGUES, H. E. **Introdução à gestalt-terapia**: conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **História da psicologia moderna**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

YONTEF, G. M. **Processo, diálogo e awareness**: ensaios em gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 1998.

---

Recebido em: 10.08.2016

Aprovado em: 20.09.2016

**Para referenciar este texto:**

LACERDA, Mariana Borba de. Antecedentes históricos e filosóficos da Gestalt-terapia. **Lumen**, Recife, v. 25, n. 1, p. 99-110, jan./jun. 2016.